

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO	22. NOV. 1974	DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

Vasco Gonçalves.

«BEM DE SAÚDE FÍSICA E MORAL»

Fundação Cuidar o Futuro

«ENCONTRO-ME bem de saúde. Aliás, tenho-me sempre encontrado bem de saúde, não só de saúde física, mas também de saúde moral» — afirmou, ontem, ao ser entrevistado pela RTP, o Primeiro-Ministro do Governo Provisório, respondendo, assim, a uma pergunta em que se solicitava esclarecimento acerca de rumores que têm circulado sobre o estado de saúde do brigadeiro Vasco Gonçalves.

«A saúde física é a mais

fácil de tratar-se — acrescentou. — Quanto à saúde moral, depois do que aconteceu no 25 de Abril, essa saúde não se podia deixar de fortalecer. Aliás, não é difícil conseguir um bom nível de saúde. Todos sabem que os homens das Forças Armadas têm tido muito trabalho depois do 25 de Abril, mas ainda ninguém se foi abaixo da saúde. É fácil, quer dizer, qualquer pessoa que perceba um bocadinho de medicina — eu não sou médico evidentemente — sabe que, com uns tónicos, uma vigilância médica regular, é possível o corpo humano, o cérebro humano, produzir muito mais do que aquilo que habitualmente costuma produzir. E a prova é que aqui estou depois destes meses todos após o 25 de Abril, muito bem de saúde.»

(Continuação na 2.ª página)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO	22 NOV. 1974	DIÁRIO POPULAR	
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

Vasco Gonçalves

(Continuado da 1.ª pág.)

O Primeiro-Ministro, Vasco Gonçalves, atribui esses boatos a manobras reacção-nárias, das quais teriam partido os rumores de que o Chefe do Governo não estaria de boa saúde e poderia resignar. «As pessoas — disse — devem também habituarse a resistir à influência desses boatos, quer dizer, a lucidez política e ideológica, o próprio senso comum devem levar as pessoas a não acreditarem em tudo que lhes dizem, a verificar pela prática, pelos actos quotidianos, se de facto os boatos correspondem ou não à realidade — e então, com tanta frequência eles não correspondem à realidade, porque são boatos. A primeira atitude a ter é a de não acreditar no boato, até prova em contrário. Essa é que é a atitude científica. Primeiro, a gente não acredita de facto no boato, porque a experiência mostra que em 99,9 por cento dos boatos trata-se de mentiras. Trata-se, de facto, de lançar essas mentiras com objectivos determinados. Esses boatos não se espalham só aqui: são boatos em Angola, em Moçambique. Ainda outro dia o almirante Crespó denunciava uma tremenda campanha de boatos que houve em Moçambique, etc.»

O Primeiro-Ministro declarou, em resposta a outra pergunta, que as frentes de combate do Governo Provisório são múltiplas («este combate é basicamente um combate político, combate ideológico, e por vezes chega a ser mesmo um combate real»), com «muitos problemas e difíceis de resolver», observando: «Nós sabemos que a nossa vida é uma vida de dificuldades, mas que é preciso enfrentar essas dificuldades e vencer essas dificuldades. Nós estamos de facto dentro das dificuldades, movemo-nos dentro das dificuldades.»

«Nós — continuou — temos problemas. E que problemas temos? Temos o problema da descolonização, temos os problemas da defesa económica, temos os problemas latentes do trabalho, na frente do emprego, na cultura, na frente dos estudantes. Posso agora aproveitar a oportunidade para fazer um apelo aos es-

tudantes para que de facto aqueles que são mais lúcidos, que têm mais consciência desses processos históricos, que se dediquem de facto ao trabalho, elucidem os outros, esses «rupos esquerdistas e de tipo anarquistas que perturbam a actividade no seio das escolas.»

«Se se quer, de facto, fazer progredir um País fazer progredir o curso da democracia e o curso da democracia económica e política, etc., enfim, o curso da democracia em todos os seus aspectos — declarou depois —, as pessoas têm de que cada vez ser mais conscientes, mais lúcidas, mais trabalhadoras, para que possam transmitir essa lucidez, essa aplicação no trabalho aos outros, e assim, engrossar as suas fileiras, engrossar o tempo daqueles que defendem verdadeiramente a democracia. Não são aqueles que fazem discursos nas Universidades, que impedem os exames de aptidão, etc., não esses que estão a defender a democracia. Esses estão a combatê-la — e estão a combatê-la conscientemente, porque eles têm mais que 18 anos, eles amanhã vão votar e sabem muito bem o que estão a fazer. Esses homens estão a combater a democracia conscientemente.»

«É preciso — concluiu o brigadeiro Vasco Gonçalves — que os estudantes em lugar de por vezes se meterem num cinema a verem as fitas, essa pornografia que por aí há, combatem no seio das suas escolas esses desvios desses rapazes pseudo-esquerdistas e

tipo anarquistas, etc., e que, em grande parte, são recuperáveis. Não devemos de combater esses rapazes senão sobretudo, com as armas ideológicas com as armas políticas. Há que trazê-los ao seio dos verdadeiros democratas, porque eles são novos, têm muito tempo para aprender, e grande parte das vezes eles estão a ser ludibriados por outros que conscientemente os querem levar para esses caminhos da rotura com os verdadeiros processos democráticos.»

Futuro